



Caleb de Carvalho Holanda Cavalcante

No MEC, a oportunidade de crescer com a cidade

Arquivo pessoal



CALEB E AMIGOS NA FRENTES DA ESCOLA ELEFANTE BRANCO, QUE FICAVA AO LADO DA RÁDIO EDUCADORA, DO MEC

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

A mudança para Brasília era a oportunidade de conhecer o Centro-Oeste do país. O cearense Caleb de Carvalho Holanda Cavalcante servia à Aeronáutica em Fortaleza desde o início da década de 50, quando uma convocação do presidente Juscelino Kubitschek lhe colocou na lista dos militares que poderiam optar por viver na nova capital. "Ele exigia que cada base enviasse quatro pessoas para formar o primeiro Grupamento de Bombeiros do Distrito Federal", conta. "Como eu era um dos mais antigos em Fortaleza, tive preferência na hora da seleção dos voluntários", completa.

Caleb queria conhecer outros estados brasileiros além de Ceará e Rio Grande do Norte e ouvia muitas histórias sobre a capital federal no final de 1960. "Diziam que aqui não faltava trabalho", afirma. "E comentavam sobre a Cidade Livre, que era algo interessante, feita de construções de madeira, onde no térreo funcionava o comércio e no primeiro andar viviam as pessoas", recorda.

Acompanhado de três colegas — Francisco Alves, Nenzinho de Souza e Eduardo "Índio" —, Ca-

leb chegou a Brasília em março de 1961. O desembarque foi feito no antigo aeroporto da cidade, que ficava em um galpão dentro da Base Aérea, próximo à sede atual do aeroporto. De lá, os quatro militares foram transportados para a Guarnição da Aeronáutica de Brasília, que ficava no Lago Sul, perto do local onde mais tarde seria construído o Centro Comercial Gilberto Salomão.

A guarnição fora construída para guardar o avião do presidente da República, os aviões de carreira e as aeronaves da Força Aérea Brasileira (FAB). Lá também ficavam os alojamentos onde os militares transferidos ficariam instalados.

Durante os primeiros 15 dias em Brasília, Caleb não conhe-

ceu a capital. O caminho entre o aeroporto e a guarnição, único trajeto feito até então, era cercado pela vegetação nativa do Cerrado. Sua função e dos companheiros que formaram o Grupamento de Bombeiros era proteger os aviões estacionados ali e a mata que circundava o local.

A primeira saída da base, onde estavam acomodados, foi uma festa. Caleb e cerca de 14 soldados foram de carona, em uma caçamba que despejava entulho das obras do Plano Piloto na região, até a Cidade Livre. As primeiras impressões da cidade ficaram marcadas na memória do ex-militar. "Havia um cinema, muito comércio em barracos de madeira e poucas mulheres solteiras nas

ruas", descreve. "Na entrada da cidade havia um alto-falante, onde mandávamos recados de paquera em busca de namoradas", diverte-se.

Depois da primeira ida, a Cidade Livre tornou-se o destino certo dos finais de semana em que Caleb e os colegas tinham folga. "Chamávamos atenção com nossas fardas porque não podíamos andar à paisana naquela época", conta. "Íamos de carona até lá e voltávamos de lambreta ou vespa para a base, lembro que fazia muito frio aqui", acrescenta.

Caleb permaneceu nove meses na Aeronáutica em Brasília e decidiu solicitar sua retirada. Nesta época, no Lago Sul já começavam a aparecer as primei-

ras casas. "O preço dos terrenos era muito barato porque ninguém queria morar lá", afirma.

A decisão de tornar-se civil foi tomada após um convite para trabalhar na Rádio Educadora do Ministério da Educação (MEC). Depois de algum tempo em Brasília, Caleb descobriu que seu tio, o jornalista Esaul Carvalho, vivia aqui desde 1958 e trabalhava como diretor do Departamento Nacional de Educação. "Passei a freqüentar a sua casa até que, um dia, ele me convidou para ser seu assistente", diz. "O salário seria o dobro do que eu ganhava na Aeronáutica, achei boa a oportunidade e aceitei", conclui.

Elefante Branco

A Rádio Educadora do MEC funcionava ao lado do colégio Elefante Branco, na 908 Sul. Caleb conta que na época, final de 1961, a região era totalmente ocupada pelo Cerrado. Da rádio, era possível ver a avenida W3 Sul. A área onde hoje está o Parque da Cidade ainda não era cercada. "Era comum vermos seríeimas correndo por ali", revela. Além da W3, havia algumas casas na altura das quadras 700 e alguns pontos na W5 Sul onde funcionavam pequenos mercados e peixarias.

Militar da Aeronáutica, o pioneiro foi transferido de Fortaleza para Brasília para fazer parte do primeiro grupamento dos Bombeiros da nova capital

Arquivo pessoal



CALEB COM FILHOS E NETOS NA CIDADE EM QUE DECIDIU VIVER

Caleb morou com Francisco Alves Carneiro, funcionário encarregado de vigiar o transmissor da rádio, no alojamento construído ao lado do Elefante Branco para tal finalidade. Enquanto o colega tomava conta do equipamento, Caleb cuidava da portaria da rádio. O ofício mudou rápido e o cearense passou a trabalhar como motorista para o diretor da rádio em um jipe do ministério.

Sem saber dirigir, Caleb seria demitido no primeiro trabalho se o tio não fosse o responsável por indicar a diretoria da rádio. "No caminho entre a rádio e o MEC, um ônibus freou na minha frente e eu não sabia que a luz vermelha indicava isto", conta. "Bati em cheio na traseira dele e o diretor ficou furioso", completa. Depois do incidente, Caleb passou a trabalhar com o próprio tio.

As aventuras a bordo do jipe do ministério foram muitas, mas o número de automóveis que circulavam no Plano Piloto, nos primeiros anos da década de 60, era muito pequeno para colocar a vida do motorista em risco. "Viemos tão poucos carros nas ruas que um colega da rádio brincava de dirigir de ré da 516 Sul até a 501 em plena luz do dia e nada acontecia", recorda.

O movimento intenso da W3 Sul era de pessoas, segundo Caleb. A avenida parecia um formigueiro de gente e havia estacionamentos dos dois lados da avenida para atender os clientes do comércio da nova capital, que se concentrava ali.

Ocupação ilegal

A casinha da rádio do MEC serviu de moradia para Caleb por quase um ano. O período vivido ali fez com que ele descobrisse

66
HAVIA UM CINEMA, MUITO COMÉRCIO EM BARRACOS DE MADEIRA E POUCAS MULHERES SOLTEIRAS NAS RUAS 99

detalhes esquecidos da construção da capital, como a forma em que as casas das quadras 701 a 707 Sul foram ocupadas. "Até 1977, não havia saída de esgotar nas ruas daquela região", diz. "Então, quando

chovia, as casas ficavam alagadas cerca de 30 centímetros acima do solo", completa.

Por conta disto, os funcionários do Dasp, para quem as residências haviam sido construídas, não quiseram receber os imóveis. "Concluídas e vazias, os funcionários da Fundação Educacional, que não tinham moradia definida ainda, ocuparam as casas", afirma. Depois de um tempo, o governo federal terminou permitindo que os moradores comprassem os imóveis.

Quadra do IAPI

Em 1962, o tio de Caleb conseguiu que ele ocupasse um apartamento do Instituto de Apontadoria e Pensões dos Industriais (IAPI), na 409 Sul. Na mesma época, o cearense retornou a Fortaleza para visitar a terra natal. Na volta a Brasília, recebeu a notícia de que todos os funcionários do MEC seriam efetivados por uma determinação da Presidência da República. A maré de sorte no Distrito Federal parecia não ter fim.

No ano seguinte, Caleb conheceu Maria Carvalho da Silva, com quem permaneceu casado por 39 anos, até 2001. Os pais dela, também cearenses, trabalhavam na Fundação Educacional e, por causa disso, moravam em casas de madeira construídas ao redor do Elefante Branco, próximas à Rádio Educadora.

Em 1971, Caleb foi requisitado para trabalhar no Sistema Nacional de Informação (SNI) da Presidência da República. Era encarregado de transportar documentos sigilosos para embaixadas, tribunais e Congresso Nacional. Trabalhou lá até 1990, quando retornou ao MEC, onde posteriormente foi aposentado.

Até 1969, Caleb viveu na 409 Sul. Quando o MEC construiu a quadra 416 Sul para os funcionários, o cearense adquiriu um imóvel por 15 mil cruzeiros, pagos em 20 anos. Em 1992, aproveitou outra oportunidade apresentada pela Terracap, comprando uma loja com duas quitinetes e dois apartamentos na 716 Norte, onde hoje vive.

Raio X

Nome: Caleb de Carvalho Holanda Cavalcante
Idade: 69 anos
Origem: Fortaleza, Ceará
Ano de chegada a Brasília: 1961
Profissão: Funcionário público aposentado
Estado civil: Separado
Filhos: Thersa, Caleb, Cláudia, Cáthia, Iracema e Daniel Cleyton
Netos: Carolina, Lígia Maria, Bruna, Pedro e Cláudia